

nenhuma causa que faça sua imaginação flutuar. A esse respeito, veja-se o escólio da proposição 44 desta parte. Portanto, por mais que se suponha que um homem adere ao falso, jamais diremos, contudo, estar ele certo. Pois por certeza inteligimos algo positivo (veja-se a prop.43 desta parte com seu esc.) e não privação de dúvida. E por privação de certeza inteligimos a falsidade”. [...]. (Espinosa 4, II, P49).

---



---

## MELANCOLIA E CONTEMPORANEIDADE

---



---

Luciana Chauí-Berlinck\*

**Resumo:** Neste artigo temos por objetivo acompanhar dois momentos na formulação do conceito de melancolia, tomando um texto atribuído a Aristóteles e um outro, de Freud. Discutimos a emergência da Melancolia/Depressão como uma patologia característica da sociedade contemporânea, ou seja, como sintoma de uma sociedade marcada pelos ideais narcísicos, tais como Freud os descreveu e interpretou em *Luto e melancolia* e em *Introdução ao narcisismo*. Às interpretações freudianas acrescentamos as análises de Christopher Lasch e de David Harvey. Fazemos a articulação entre o processo de socialização patológico e a sociedade contemporânea por que esta é narcisista na sua forma intrínseca, isto é, na maneira como produz e opera apenas com a imagem enquanto imagem, elaborada e transmitida não só para substituir o real, mas para oferecer uma ilusão de satisfação e assim bloquear os processos psíquicos e sociais de simbolização, sem os quais o desejo não pode ser transfigurado e realizado.

**Palavras-chave:** melancolia, Aristóteles, Freud, narcisismo, pós-modernidade

Neste artigo acompanhamos dois momentos na formulação do conceito de melancolia, tomando um texto atribuído a Aristóteles (*Problema XXX,1*) e um outro, de Freud (*Luto e melancolia*). Dois textos que empregam a mesma palavra, porém designam com ela fenômenos de sentido diferente. Não podemos dizer, contudo, que de um pensador a outro houve progresso contínuo dos conhecimentos, sendo mais pertinente observar a mudança do quadro teórico e clínico em que ela é nomeada e representada. Essa mudança, aliás, pode ser vista muito antes da retomada contemporânea do tema. Assim, por exemplo, o campo de referência aristotélico (ou grego) é, de um lado, uma certa concepção médica, na qual a melancolia é um tipo natural de temperamento, e, de outro, uma certa concepção ética da virtude (a idéia de *aretê*) ou da excelência de caráter e de conduta, que coloca o melancólico como alguém excepcional; no entanto, na Idade Média, o campo de referência é religioso, uma vez que a formação sócio-cultural medieval tem na religião seu quadro teórico e prático para a interpretação da

---

\* Psicanalista, mestre em filosofia pela USP, professora de psicologia da Unimarco.

realidade e da conduta humana, e a palavra melancolia torna-se sinônimo de uma outra, *acedia*<sup>1</sup>, designando um acontecimento de ordem religiosa – a desesperança de salvação, que torna a alma indolente e desleixada, lançando-a na inércia – uma atitude pervertida e pecaminosa, um vício espiritual (pois é ausência de uma das virtudes cardeais, qual seja, a esperança). Assim também, quando a psiquiatria contemporânea deixa de empregar o vocábulo melancolia e passa à palavra *depressão*, seu horizonte teórico visa marcar a ruptura com a tradição médica (a antiga medicina dos temperamentos, dos humores e dos vapores), recusar a perspectiva aristotélica (tendendo a conservar a condenação medieval, ainda que por motivos completamente diferentes e sem a referência religiosa) e oferecer uma etiologia em que a depressão é definida como desordem mental ou afetiva de tipo neuroquímico cuja terapia deve ser de tipo psicofarmacológico. Todavia, o que é instigante no texto de Freud, é o fato de que este se distancia da perspectiva psiquiátrica porque busca uma compreensão da melancolia – é significativo, aliás, que ele empregue a palavra antiga – como acontecimento psicogênico sem referência a fatores anatômicos e fisiológicos e sem localizá-la em alguma parte do cérebro ou do sistema nervoso.

As mudanças conceituais parecem indicar rupturas teóricas e, no entanto, é impossível negar certa continuidade na caracterização geral da melancolia. Basta, para tanto, observarmos o Aforismo 23 dos *Aforismos* do *Corpus Hippocraticus* para percebermos a continuidade. O aforismo hipocrático diz:

*“Quando tristeza e medo perduram por longo tempo, tal estado é melancólico”.*

Esse aforismo define a melancolia como efeito da tristeza e do medo, portanto, de emoções, e a determina pelo tempo de duração da perturbação – caracterizando-a como um *estado* –, e reaparecerá no texto aristotélico como uma indicação de que a melancolia é uma doença que pode atingir o corpo ou a alma: quando afeta o corpo, manifesta-se com a epilepsia, as úlceras e os vômitos; mas quando afeta a alma, perturba o entendimento e é uma doença da inteligência. Da mesma maneira é a duração prolongada, persistente, que leva também atualmente, ao diagnóstico da depressão e esta é caracterizada não só como perturbação afetiva do humor ou pela tristeza que afeta os sentimentos cotidianos,

mas também envolvendo o entendimento, isto é, o pensamento e o julgamento. Como observamos, tanto a compreensão aristotélica quanto a atual têm por pressuposto o aforismo hipocrático.

Apresentamos um estudo sobre a melancolia centrado em apenas dois textos, o de Aristóteles e o de Freud, porque se trata de dois textos fundadores e porque o texto freudiano, tendo o mesmo pressuposto que o aristotélico – o Aforismo 23 dos *Aforismos* hipocráticos – é o primeiro a realizar a principal ruptura teórica com a interpretação aristotélica.

Tanto o *Problema XXX, I* como *Luto e Melancolia* fundam tradições interpretativas da melancolia, instituem campos de pensamento nos quais e a partir dos quais ela pode ser conhecida e compreendida., por isso são *textos fundadores*.

No texto aristotélico a melancolia é um fenômeno inteiramente somático que determina a vida psíquica; mas, no texto freudiano, ela é um acontecimento inteiramente psíquico, que determina aspectos da vida corporal e por essa razão são *textos em ruptura*.

Aristóteles inicia o texto do *Problema XXX, I* com a pergunta que introduz a questão da excepcionalidade: “Porque todos os homens considerados excepcionais são melancólicos?”. É a partir desta questão que o filósofo dará uma interpretação da melancolia. Tomando como exemplo homens geniais em várias áreas como política, artes, etc, constata que estes mesmos homens apresentam doenças causadas pela bilis negra, portanto, melancólicos.

Depois de introduzir a questão da excepcionalidade dos melancólicos e exemplificá-la, Aristóteles afirma que em todos os casos tudo depende da natureza do indivíduo e que é preciso descobrir a causa dessa natureza.

Visto que, para Aristóteles, conhecer é conhecer pela causa, o texto imediatamente afirma que é preciso descobrir a causa da natureza melancólica e conhecer seu *eidós*, sua essência.

A descoberta da causa não é simples nem direta e é por esse motivo que Aristóteles afirma que cabe começar com “um exemplo”. O filósofo utilizará um recurso epistêmico, o conhecimento por analogia, para entender a ação da bilis negra. O procedimento por analogia consiste em tomar alguma coisa visível e conhecida diretamente para, por

seu intermédio, conhecer uma outra, invisível e à qual não se tem acesso direto. Esse procedimento era comum entre os médicos antigos e nós o iremos reencontrar em Freud, quando este, para entender a melancolia, recorrerá ao luto como analogia.

Aristóteles, para esta explicação, utiliza o vinho como via de comparação, dizendo que, dependendo da quantidade ingerida, essa bebida *provoca* vários caracteres em um mesmo homem, enquanto que a melancolia *produz* caracteres distintos para cada homem que seja dessa natureza. Assim, o vinho transforma a pessoa em excepcional por algum tempo, enquanto a melancolia mantém esse efeito para sempre.

Indo em busca da causa da natureza melancólica, o autor do *Problema XXX,1* passa a descrever a “mistura da bÍlis negra” (*melaina cholè*). Essa mistura, diz Aristóteles, existente na natureza é a mistura do quente e do frio. A bÍlis negra é de natureza fria, mas pode apresentar estados distintos (do muito frio ao muito quente) e as modificações da mistura são originárias da alimentação diária. Dependendo do estado da mistura encontramos caracteres diversos (do torpor à mania). Aristóteles observa que, em algumas pessoas, a origem dos males encontra-se numa mistura (*krásis*) da bÍlis negra que *pode acontecer* no corpo, enquanto que em outras, a origem dos males é uma *inclinação natural* para as doenças características da bÍlis negra. Em outras palavras, em alguns melancólicos, a doença decorre da relação da bÍlis negra com os demais constituintes do corpo, enquanto que em outros, ela provém da natureza da própria bÍlis negra. Mas Aristóteles conclui que, tanto em um caso como no outro, a origem dos males está na natureza do indivíduo. A melancolia, definindo um tipo de caráter ou de temperamento natural, constitui a natureza de alguém, e, portanto, sendo *por natureza* não pode ser considerada *por acidente*, isto é, algo que acontece apenas pela ação inesperada de causas externas.

Sendo a bÍlis negra inconstante, os melancólicos são inconstantes e é pela “boa mistura” da inconstância que os melancólicos são seres de exceção. Devemos entender excepcional, no sentido de abundante, excessivo, que ultrapassa a medida ou o limite. Deste sentido primeiro advém um outro, o de “extraordinário, o que se distingue” (Thamer 17, p.30) e, uma das características da bÍlis negra (*melaina cholè*) é ser em excesso. É da natureza da bÍlis negra ir de um extremo ao outro, isto é, ser excessiva, excepcional. O autor chegará a importante conclusão que: “os melancólicos são seres de exceção por

natureza e não por doença”, ou seja, os melancólicos são excepcionais por sua natureza e não por doença.

O autor do *Problema XXX,1* se interessa pela constância dessa mistura inconstante ou em mostrar a existência peculiar de uma *constância da inconstância*, pois é exatamente isso que lhe permite afirmar que há *uma saúde do melancólico* e, portanto, que este *não é necessariamente um doente*. Para chegar a essa conclusão, o autor começa colocando uma questão: existe ou não uma *norma* nessa substância composta e instável, a bÍlis negra? Ou seja: há uma saúde da bÍlis negra, uma bÍlis negra saudável? Há um equilíbrio, uma norma nessa mistura instável?

A resposta é afirmativa. Para o autor do *Problema XXX, 1*, a norma ou a saúde do melancólico é o equilíbrio do quente e do frio. Aristóteles fala de *eukrasía* (a boa *krásis*, a boa mistura) de um humor que é por natureza instável, daquilo que é por essência uma mistura inconstante, e, portanto, a-normal ou sem norma. E não se pode explicar esta boa mistura ou *eukrasía* a não ser pelo resfriamento do quente ou o aquecimento do frio, quer dizer, um certo equilíbrio frágil entre o quente o frio.

Se há uma saúde da bÍlis negra, há também doenças causadas por ela. Ao examiná-las, Aristóteles no *Problema XXX,1* nos encaminha rumo à sua tese central: estar doente da bÍlis negra não é forçosamente ser melancólico, do mesmo modo que um melancólico não é melancólico porque estaria necessariamente doente da bÍlis negra.

O que o texto aristotélico enfatiza continuamente é que a melancolia não é sinônimo de doenças da bÍlis negra, ou seja, que apesar de existirem doenças causadas pela bÍlis negra, o melancólico não o é por doença e sim por natureza, ainda que seja certo que sua natureza melancólica o predisponha a contrair com mais facilidade as doenças da bÍlis negra. O importante é compreender que as doenças da bÍlis negra são devidas a um excesso ocasional e, portanto, enquanto doenças, pertencem à ordem do acidente ou do fortuito.

Se o melancólico o é por natureza e se a melancolia não se refere somente às doenças da bÍlis negra, podemos dizer com segurança que o melancólico não é necessariamente um doente. Existe uma saúde da melancolia, um equilíbrio, uma boa mistura da inconstância.

No entanto, há um aspecto interessante do *Problema XXX,1* no tocante à idéia

de loucura inspirada ou de inspiração, sobretudo se a articularmos à de imitação. De fato, ao tomar a mistura da bilis negra como *phýsis* do melancólico, o autor nos leva a compreender que, pela natureza e operação próprias da bilis negra, o outro está no interior do próprio melancólico. O outro que o melancólico busca imitar (simulando, emulando ou identificando-se) encontra-se nele mesmo por força do humor que o constitui, ou seja, a inconstância e variação da bilis negra, seu súbito aquecimento ou resfriamento, multiplicam os caracteres do e no melancólico, que sempre está a se tornar um outro (como veremos em *Luto e melancolia*, para Freud esse outro que se encontra no interior no melancólico é ele mesmo como objeto perdido).

Dessa maneira, o autor do *Problema XXX, I* pode responder à pergunta com que abria o texto: por que todos os homens de exceção são melancólicos? Todos os homens excepcionais são melancólicos porque é da natureza da bilis negra ir de um extremo a outro, isto é, ser excessiva, excepcional.

Podemos, assim, sublinhar a tese central do *Problema XXX, I*: a melancolia, ainda que possa tornar-se doentia, não é, em si mesma, doença, pois é por natureza e não por acidente.

A tradição deixa, portanto, duas posições antagônicas acerca da melancolia: a do *Problema XXX, I* (retomada por Ficino e Agrippa), segundo a qual a melancolia não é uma doença, ainda que existam doenças próprias à bilis negra e às quais os naturalmente melancólicos estão mais predispostos do que os outros; e a de Galeno (mantida até o século XIX pela medicina, mesmo quando esta abandonou a perspectiva humoral), segundo a qual a melancolia é exclusivamente uma patologia.

O texto aristotélico nos diz da excepcionalidade, o de Freud, de uma patologia. Em ambos os textos, encontramos a referência ao “outro”. Enquanto o “outro” em Aristóteles é a inconstância da bilis negra, em Freud é uma sombra que se instala no ego por identificação. Em Freud o “outro” é o próprio ego, o que nos leva direto ao conceito de narcisismo, forjado por este mesmo autor.

É a partir dessa idéia que, tomando como referência a compreensão da melancolia (ou depressão<sup>2</sup>) na perspectiva psicanalítica, discutiremos a emergência desse fenômeno como patologia característica da sociedade contemporânea.

Partimos do pressuposto de que a configuração da subjetividade e da patologia

de uma época está articulada intrinsecamente pelos modos de relação historicamente determinados. Seria impossível pensar a excepcionalidade do melancólico, como faz Aristóteles, a partir da nossa sociedade, pois como veremos o melancólico hoje é o comum. Tomamos a melancolia (depressão) como sintoma de uma contemporaneidade marcada pelos ideais narcísicos, tais como Freud os descreveu e interpretou em *Luto e melancolia* e em *Introdução ao narcisismo*.

Às interpretações freudianas acrescentamos as análises da sociedade contemporânea feitas por Christopher Lasch em *A cultura do narcisismo* e por David Harvey em *A condição pós-moderna*<sup>3</sup>. Fazemos a articulação entre o processo de socialização patológico e a sociedade contemporânea por que esta é narcisista na sua forma intrínseca, isto é, na maneira como produz e opera apenas com a imagem enquanto imagem, elaborada e transmitida não só para substituir o real, mas para oferecer um suposto gozo imediato e com isso bloquear os processos psíquicos e sociais de simbolização, sem os quais o desejo não pode ser transfigurado e realizado. Paralisia do desejo no narcisismo, impossibilidade de simbolização e ausência de pensamento, a sociedade contemporânea nos faz permanecer na imediação persuasiva e exclusiva da imagem e só é capaz de propor e provocar atos sem mediação e que, por serem atos que não conseguem efetivar-se, sua impossibilidade se exprime sob a forma da Melancolia/Depressão.

*“A depressão se tornou um fenômeno tão freqüente no mundo moderno a ponto de ser considerada por alguns autores como reação normal dos tempos atuais, desde que não interfira nas nossas atividades cotidianas. (...). Alguns terapeutas já a identificaram como o mal do século, devido a sua alta incidência no atendimento psiquiátrico.”* (João 14, p.1)

*“Desde sua introdução, em 1987, Prozac foi usado por mais de seis milhões de norte-americanos e por mais de dez milhões de pessoas no restante do mundo”.* (Girgis 9)

Essas duas citações indicam que a depressão, isto é, aquilo que a tradição médica e a psicanálise chamam de melancolia, pode ser considerada a doença mental

contemporânea. Do ponto de vista estatístico, alguns estudos recentes indicam que, na maioria dos países, uma a cada vinte pessoas é diagnosticada como “significativamente depressiva”, número que não inclui aqueles que experimentam uma leve depressão crônica ou passam por uma crise aguda de depressão, pois, neste caso, uma a cada seis pessoas é diagnosticada, pelo menos uma vez na vida, como depressiva. Além disso, as estatísticas indicam que a “depressão significativa” começa, agora, a aparecer de maneira mais intensa entre os adolescentes, os adultos jovens e as mulheres.

Assim, ao concordarmos com Freud em considerar a melancolia uma neurose narcísica<sup>4</sup> e se considerarmos os dados estatísticos, fomos levados a supor que a sociedade contemporânea possui características que estimulam o aparecimento de patologias narcísicas<sup>5</sup>, particularmente a melancolia, suposição reforçada se, com Christopher Lasch (Larsch 16), considerarmos que a cultura ocidental contemporânea é narcisista.

Vivemos numa sociedade voltada para a vida privada, para as relações pessoais tanto sob a forma da competição entre os indivíduos quanto sob a forma da valorização da intimidade, dos interesses e demandas íntimos, ainda que essa “intimidade” seja produzida pela sociedade de consumo, que inventa imagens com as quais os indivíduos passam a identificar-se. Como consequência, a libido volta-se para o próprio ego, ou seja, os investimentos eróticos do indivíduo estão voltados para ele mesmo. O nome desse fenômeno é narcisismo.

Ora, como diz Freud, no narcisismo, o ego se comporta como objeto de seu próprio amor e esse amor se caracteriza pela idealização de si ou a superestima de si, a vivência prazerosa de sentir-se especial, perfeito, sem defeitos. A procura da vida feliz reduzida à idéia de bem-estar, de satisfação prazerosa e de plenitude, supostamente asseguradas pela identificação, por meio do consumo, com imagens de perfeição, beleza, sucesso, juventude, saúde, etc., caracteriza a sociedade contemporânea e pode ser comparada à procura narcisista de retorno à vida intra-uterina, ou à relação simbiótica com a mãe, num período em que o outro e o mundo não existiam para o indivíduo como separados dele; à época da onipotência, na qual o outro e o mundo faziam parte indiferenciada do eu, ou seja, a volta à situação na qual era superestimado e na qual todas as suas necessidades eram prontamente atendidas (quando não havia o sentimento de falta).

Assim, falamos de uma sociedade narcisista por comparação com o

desenvolvimento libidinal do indivíduo. Acreditamos que essa estrutura social facilita o aparecimento das patologias narcísicas, em especial a melancolia.

A melancolia é uma neurose narcísica, portanto, na qual há prejuízo no estabelecimento de vínculos libidinais com os objetos. Embora a escolha libidinal de objetos só ocorra na puberdade, sofrerá influência de todo o desenvolvimento libidinal infantil até o Complexo de Édipo e envolve o processo de constituição do ego. Esta constituição ocorre pela identificação com a imagem do outro e a construção da representação que o sujeito faz de si integra elementos valorativos, de maneira que a constituição do ego é inseparável de valorações que constituem o chamado ego ideal. Em outras palavras, para compreendermos uma neurose narcísica (como a melancolia), precisamos considerar, primeiro, o aspecto não neurótico do narcisismo enquanto momento do processo de constituição normal dos indivíduos para, em seguida, captarmos como algo normal se torna patológico.

No caso da melancolia, a escolha de objeto se dá com uma base narcisista. Essa eleição com base narcisista é aquela na qual ocorre a identificação narcisista com o objeto, ou seja, eleje-se o objeto a partir da imagem e semelhança do próprio ego ou transforma-o num ideal e este se converte em um substitutivo do investimento erótico, havendo uma forte fixação no objeto, assim, pela identificação narcisista com o objeto é ao narcisismo que o investimento libidinal retorna, não direcionando-se ao objeto externo.

Desta forma o narcisismo infantil (quando o sujeito era seu próprio ideal), é substituído pela identificação com o ideal projetado no objeto, definindo o que é o ego ideal e levando à busca de um personagem possuidor dos atributos de máxima valorização.

O indivíduo, na melancolia, está preso à imagem do objeto. Ora, em *Luto e Melancolia* Freud nos diz que essa imagem é a de um objeto perdido e que esse objeto perdido é o próprio ego. Portanto, a perda melancólica é narcísica.

O vínculo da libido ao objeto se efetua por meio de lembranças e expectativas. Na melancolia, devido a uma falha em elaborar uma perda afetiva significativa no início da estruturação do aparelho psíquico ocorre um “buraco na esfera psíquica” e esse lugar vazio mostra a impossibilidade do indivíduo de se orientar a partir dos traços mnêmicos de seus próprios desejos. Não devemos esquecer que Freud escreveu nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* que “encontrar o objeto é no fundo reencontrá-lo”, assim

há um objeto que já fora investido e que, uma vez perdido, fica guardado em nossa lembrança e passamos a procurar reencontrá-lo com a expectativa de voltarmos ao sentimento de completude. Freud nos explica em *Os instintos e suas vicissitudes* que nossa vida subjetiva transcorre sob a forma de oposições (como prazer-desprazer, sujeito-objeto) e que essas são determinadas pelo desejo, ou seja, suas operações são simbólicas e imaginárias. O desejo, desta forma, permite a reconstituição do objeto desejado por meio de representações e, assim, o sofrimento causado pela falta é fundamental para a constituição do sujeito que, submetido à falta, recria psiquicamente o objeto perdido ou ausente para poder orientar-se no real. Isso nos remete à questão do tempo humano, ou a percepção da existência como algo que escoar e perdura na duração. Memória e projeto, passado e futuro.

Nossos estudos nos levaram a pensar na maneira pela qual esses processos ocorrem na sociedade contemporânea.

Partindo da idéia de que o narcisismo encontra-se desde sua origem no campo da significação, das valorizações, há que pressupor uma ordem simbólica exterior ao indivíduo, a ordem da cultura, na qual ele está inserido, o que, portanto, significa que a representação valorativa de si é constituída na intersubjetividade, cabendo, portanto, averiguar quais os valores da sociedade contemporânea que fazem parte desse jogo simbólico.

Para que a simbolização ocorra, ou seja, para que possamos lidar com o ausente e presentificá-lo na linguagem, no trabalho e na história, como diz Merleau-Ponty, é necessário que a relação com a ausência seja dada pela relação com o outro sob a forma do tempo. O tempo é articulado à origem e ao porvir, ao passado e ao futuro.

Hoje, a mudança que ocorre quanto a experiência do espaço e do tempo é singular. Por um lado observamos a fragmentação e dispersão espacial e temporal e por outro a compressão do tempo e do espaço (efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação). Isto quer dizer que pela compressão do espaço não há mais distância, todos os acontecimentos ocorrem *aqui* e também, pela compressão do tempo, não há mais passado ou futuro, uma vez que tudo acontece *agora*. Pela fragmentação e dispersão reduzimos o espaço e o tempo a imagens planas, sem profundidade temporal, que se movimentam de forma veloz e fugaz; o espaço é indiferenciado e o tempo é o instante.

Estas imagens planas e superficiais nos são incessantemente apresentadas pelas telas de televisão, computador ou cinema como evidências e, desta maneira, não somos mais capazes de distinguir entre a aparência e o sentido, ou seja, entre o virtual e o real. Uma vez que tudo é volátil e efêmero, descartável e durando o tempo passageiro da moda, o sentido de continuidade não faz mais parte de nossa experiência, pois tudo consome-se no presente do instante fugaz que desaparece não deixando marcas.

De fato, a sociedade pós-moderna desvaloriza culturalmente o passado e o futuro, por uma busca da satisfação imediata dos desejos. Essa sociedade, que alimenta o gosto pelo efêmero, abandonou a temporalidade humana. É marcada pelo descartável.

E é justamente o trabalho sobre a ausência (a perda) que o melancólico não consegue realizar, não conseguindo remeter-se às situações prazerosas por ter sofrido sucessivos desapontamentos amorosos, que feriram gravemente o narcisismo infantil, marcam o indivíduo com o sentimento de haver sido totalmente abandonado. Para que o vínculo da libido com o objeto seja abandonado gradualmente é preciso que as lembranças e expectativas em relação ao objeto sejam evocadas e investidas fortemente. O melancólico, no entanto, mimetiza o outro e o mantém sempre dentro de si, negando a ausência e, portanto, o tempo em sua duração. Nesse aspecto, a relação do melancólico com o tempo é exatamente a mesma que a da sociedade contemporânea, desvalorizadora do passado.

A questão do melancólico é não conseguir lidar com uma perda, a perda inconsciente de si mesmo, a perda da auto-estima. Com a mudança rápida dos valores na sociedade do efêmero, mal o sujeito identificou-se com certo objeto, este já tornou-se ultrapassado e, assim, a perda do objeto torna-se perda do próprio ego. Ora, na sociedade do efêmero o próprio sujeito é efêmero. O que nos leva à questão da impossibilidade de corresponder ao ego ideal, pois, pela fugacidade, o sujeito cai na desvalorização, isto é, torna-se impossível para ele corresponder à representação de si com seus elementos valorativos.

Como vimos, o ego se constitui pela identificação com a imagem do outro que irá, então, definir que é o ego ideal, tendo como modelos personagens possuidores dos atributos de máxima valorização como heróis, santos, atores de teatro, cinema, televisão, etc.

Contudo, preso como está à imagem do objeto, sem poder elaborar suas perdas, vê-se com um “buraco na esfera psíquica”.

Sem laços temporais e afetivos que o orientem, torna-se inseguro e por isso inclinado a acatar o discurso da autoridade, que preenche o vazio, o discurso dos especialistas, que determinam o que o sujeito deve pensar, querer, sentir, oferecendo valor e sentido para a vida. Tendo suas necessidades definidas por especialistas não admira que estas não possam ser jamais satisfeitas.

Ora, os especialistas simplesmente reproduzem, sob a forma de ciência e de saber, aquilo que o mercado de consumo propõe como definição do desejo e dos meios de sua satisfação. Desta forma, as imagens criadas pela publicidade e pela propaganda são eficazes, pois “inventam os desejos”, sendo signos do que a sociedade deve valorizar nos indivíduos (no caso contemporâneo, o sucesso, definido por critérios de competição, juventude, saúde e cuidados extremos com a “beleza” corporal).

A sociedade pós-moderna é uma sociedade de imagens e assim, as imagens do outro nos são oferecidas em profusão, massivamente, ininterruptamente. As imagens parecem preencher todo o tempo e todo o espaço real e imaginário, elas parecem ser tudo e todo o real, não há falta, não há lacuna, não há ausência, não há distância – isto é, não há tudo aquilo que é preciso para haver simbolização, e por isso a necessidade de recorrer às imagens criadas pela tecnologia, imagens do mundo externo que criem uma ilusão de realidade, é uma ultra realidade que se nos impõe. O sujeito, portanto, não simboliza, aceita como sua essa realidade “mais que real”, acreditando ver nela seu próprio reflexo (tem a ilusão de onipotência).

E assim, a distância entre o indivíduo e a imagem desejada e desejável que parece refleti-lo como um espelho, por sua irrealidade é totalmente inalcançável. Por isso, identificando-se com a imagem, sente-se distante de si e experimenta uma perda contínua.

A busca da satisfação imediata dos desejos, num universo de compressão espacial e temporal, de perda dos referenciais históricos e sócio-econômicos que ofereciam aos indivíduos identidade de origem, de classe ou de grupo, a insegurança quanto ao presente e ao futuro, a competição, a invenção de simulacros hiper-reais ou virtuais para desejos de sucesso e celebridade, juventude e beleza, corpo perfeito (segundo os padrões ditados

pela moda) e saúde perene, caracterizam tanto o narcisista quanto a sociedade narcisista.

E o sentimento de não corresponder a essa imagem engrandecida e perfeita de si, o sentimento da distância entre a onipotência e a falta, o sentimento inconsciente de uma perda irremediável e o impulso canibalista contra o outro que parece concretizar essas imagens, tudo isso não é senão o efeito necessário do narcisismo, isto é, a melancolia (ou a depressão).

### Melancholy and Contemporaneity

**Abstract:** Our aim in this paper is to follow two moments of the formulation of the concept of melancholy, considering one text imputed to Aristotle and another one from Freud. We discuss the emergence of melancholy/ depression as a pathology that is characteristic of the contemporary society, i.e., a symptom of a society that is characterized by narcissistic ideals, as Freud described and interpreted them in the *Mourning and Melancholy* and in the *On Narcissism: an introduction*. We also add the analyses from Christopher Lasch and David Harvey to the Freud's interpretation. To the pathologic process of socialization we link the contemporary society, because it is intrinsically narcissistic, namely in the manner of producing and operating the image as image, elaborated and transmitted not only to replace the reality, but also to offer an illusion of satisfaction and in this way block the psychic and social process of symbolization, without which the desire can not be transfigured and fulfilled.

**Keywords:** melancholy, Aristotle, Freud, narcissism, post-modernity

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ARISTÓTELES. *Problema XXX,1*. In: Jackie PIGEAUD. *O homem de gênio e a melancolia*. Rio de Janeiro, Lacerda Editora, 1998.
2. BUCCI, E. & KEHL, M. R. *Videologias*. São Paulo, Boitempo, 2004.
3. CHAUI-BERLINCK, L. *Melancolia: rastros de dor e perda*. São Paulo, Editora Humanitas/ AAT, 2008
4. FREUD, S. *Luto e melancolia*. *Obras completas*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
5. \_\_\_\_\_. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. *Obras completas*. Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
6. \_\_\_\_\_. *Os instintos e suas vicissitudes*. *Obras completas*. Vol. XIV. Rio de

Janeiro, Imago Editora, 1976.

7. \_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.. Obras completas*. Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
8. GALENO. *Exhortación al aprendizaje de las artes, sobre la mejor doctrina, el mejor médico es también filósofo, sobre las escuelas, a los que se inician*. Madrid, Editorial Coloquio, 1987.
9. GIRGIS, M.. *Just how smart is Prozac?* St. Louis, Warren H. Green, Inc., 1995.
10. HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Edições Loyola, 1992.
11. HIPPOCRATES. *Maximes et pensées*. Paris, Éditions André Silvaire, 1964.
12. \_\_\_\_\_. *Corpus Hippocraticus*, I-V, edição G.P.Gould, The Loeb Classical Harvard University Press, Cambridge, 1995.
13. \_\_\_\_\_. *Tratados hipocráticos*. Madri, Alianza Editorial, 1996.
14. JOÃO, Mauro Ivan. *Depressão: síndrome da dependência psicológica*. São Paulo, Epu, 1987.
15. LAPLANCHE, J. e Pontalis, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4ª. edição. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
16. LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.
17. THAMER, E, *Problema XXX, I Notas*, in *A dor de existir*. Rio de Janeiro, Kalimeros, 1997.

#### NOTAS:

- 1 - Em português, *acedia* é traduzida por: tristeza, indolência, preguiça, negligência, desleixo, langor, abatimento.
- 2 - Não faremos distinção entre melancolia e depressão, uma vez que não há discriminação destes termos na obra de Freud.
- 3 - Para este tema ver também Chauí-Berlinck, L. *Melancolia: rastros de dor e perda*. São Paulo, Editora Humanitas/ AAT, 2008.
- 4 - Segundo o dicionário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis, neurose narcísica é uma expressão que “encontramos nos escritos de Freud para designar uma doença mental caracterizada pela retirada da libido sobre o ego. Opõe-se assim às neuroses de transferência” (Laplanche 15, p. 312).
- 5 - Para maior esclarecimento ver: Chauí-Berlinck, L. *Melancolia: rastros de dor e perda*. São Paulo, Editora Humanitas/ AAT, 2008.

---



---

## Espinoza e a tradição melancólica

---



---

Marcos F. de Paula\*

**Resumo:** Desde o *Problema XXX*, atribuído a Aristóteles, uma longa tradição de filósofos, artistas e escritores vê a melancolia como afeto positivo ligado ao “homem de gênio” e à criação intelectual em geral. Do ponto de vista da teoria dos afetos de Espinoza, o problema da melancolia coloca um outro: como é possível que de uma tristeza profunda possa nascer a atividade intelectual, artística, literária? Toda atividade é uma produção, uma alegria, aumento da potência de agir e pensar: como ela poderia nascer da melancolia? Nossa hipótese é que o problema se explica pela “alegria eufórica”, a outra face da melancolia, que nasce como reação do desejo contra a própria tristeza. Por ser *alegria*, afasta a tristeza profunda; mas por ser *eufórica*, mantém o “melancólico” preso à sua própria doença. Assim, a reação não cura o “doente” de seu “mal”, o mantém num círculo interminável de euforia e estado melancólico.

**Palavras-chave:** melancolia, criação, alegria, euforia, desejo.

*La mélancolie n'est que de la ferveur retombée*

André Gide<sup>1</sup>

### I. O problema da melancolia

Há uma antiga e longa tradição de filósofos, artistas, escritores, poetas e músicos, que vê na melancolia, enquanto afeto de tristeza, um fator positivo capaz de impulsionar as produções artísticas, filosóficas, científicas, literárias e até mesmo as grandes ações políticas. Nós conhecemos a pergunta de Aristóteles (ou do Pseudo-Aristóteles<sup>2</sup>) no *Problema XXX*: por que afinal todos os que foram homens de exceção, figuras excepcionais, seja em filosofia, artes, poesia ou política, foram também menifestamente melancólicos? O Filósofo cita vários exemplos, como Heráclito, Lisandro, Ajax, Belerofonte, Empédocles, Platão e Sócrates “e muitos outros entre as pessoas ilustres (Aristóteles 1, 953a10-27, p.84-85), como de resto o próprio Aristóteles será citado na posteridade como um exemplo de grande gênio melancólico.

---

\* Doutorando em Filosofia na USP e bolsista da Fapesp.